

reconciliação; Samuel, profeta do Deus da salvação; Moisés, ouvinte e vidente frustrado da misericórdia de Deus; Jonas, profeta do Deus misericordioso. Culmina em Jesus, narrador das parábolas da misericórdia e revelador do rosto misericordioso de Deus.

O livro inscreve-se, como se vê, na linha da teologia bíblica. Segue sistematicamente a dinâmica: palavra recebida de Deus – profeta receptor-anunciador – palavra anunciada.

LUÍS SALGADO

MARTÍNEZ, Julio L., **Ciudadanía, migraciones y religión. Un diálogo ético desde la fe cristiana**, col. «Teología Comillas» 3, San Pablo / Universidad Pontificia de Comillas, Madrid, 2007, 617 p., 210 x 145, ISBN 978-84-285-3132-0 (San Pablo) / 978-84-8468-209-7 (UPC).

Este terceiro vol. da col. «Teología Comillas» parte do facto, que está aí, das migrações, que tornam as sociedades cada vez mais multiculturais. Para o enfrentar devidamente torna-se necessário pôr em questão os modelos de cidadania e rever as formas de relacionamento entre os seres humanos. Mas também estudar as conexões entre cultura e ética, aprofundar a possibilidade de um diálogo intercultural e revisitar o papel das religiões na vida pública. E, com tudo isso, reflectir sobre o papel da Igreja e dos cristãos nos debates morais da nossa sociedade.

O autor dirige o Instituto Universitário de Estudos sobre Migrações, da Universidade de P. de Comillas, onde é professor de Teologia moral e de Filosofia social e política.

Obra volumosa, o livro, além de uma Introdução e de um Balanço final, reparte os assuntos por cinco partes. Na primeira («Nomear o momento presente»), apresen-

ta a migração como o rosto humano da globalização, a cidadania agitada pelas mutações sociais, as implicações da globalização política sobre a cidadania e a necessidade de repensar esta na sociedade multicultural (com referência às tensões culturais: uniformização *versus* fragmentação, desterritorialização do social, tensões identitárias, tensões relacionadas com a religião, etc.). Na segunda parte analisa e avalia os «Modelos de cidadania»: liberal, comunitarista, republicano, comunicativo, culminando com o modelo de cidadania da Doutrina Social da Igreja. A terceira parte apresenta «Perspectivas éticas do diálogo intercultural», começando pela abordagem do pluralismo cultural, propondo dez chaves para uma ética intercultural, etc. A quarta parte é dedicada ao tema «Ser cidadãos e crentes em contexto de diversidade cultural e religiosa», analisando «o novo rosto da religião», sublinhando a necessidade de repensar o lugar político-público da religião em geral e a relação cidadania e laicidade, com incidência sobre a problemática do espaço para os símbolos religiosos. A última parte trata da mesma problemática, mas já expressamente em relação aos cidadãos católicos, com particular destaque para a Doutrina Social da Igreja a propósito.

Como se pode ver por este breve esboço, estamos perante um texto de muito interesse para nos sabermos situar e agir correctamente neste novo mundo globalizado, cultural e religiosamente plural.

LUÍS SALGADO

BORRAGÁN, Vicente, *Los sacramentos, ¿qué son? cómo vivirlos?*, col. «Pensar y creer», San Pablo, Madrid, 2007, 256 p., 210 x 135, ISBN 978-84-285-3133-7.

Como se sugere no título, trata-se de um livro com o objectivo de ajudar a compreender os sacramentos e a fazer deles um encontro íntimo com o Senhor. Tem as dimensões de um manual, que, mais que para ser utilizado para fins académicos pode ser útil, sobretudo, para instrução dos fiéis comuns.

Escrito por um dominicano, qque estudou Teologia e Sagrada Escritura na Universidade de São Tomos, em Roma, e na Escola Bíblica de Jerusalém, além dos sacramentos em geral (pp. 7-52) dedica em seguida um capítulo a cada um dos sacramentos em particular.

LUÍS SALGADO

TEOLOGIA PASTORAL

MORAL, José Luis, **Ciudadanos y cristianos. Reconstrucción de la Teología Pastoral como Teología de la Praxis Cristiana**, col. «Pensar y creer», San Pablo, Madrid, 2007, 663 p., 210 x 135, ISBN 978-84-285-3054-5.

O título e o subtítulo deste volumoso livro anunciam um projecto arrojado de revisão da teologia e da *praxis* pastorais. Arrojado, porém, a nosso ver, num duplo sentido, positivo e negativo. O positivo reside na procura de caminhos para a teologia e a pastoral que estejam em sincronia com a cultura do tempo presente. O negativo está – ou parece estar – na busca de uma sintonia, mais que sincronia, assumida e proposta como «simpatia» (no sentido grego originário de *syn-patheia*), sentir com, comungar do mesmo sentir e deixar-se converter a esse sentir. Se não é absolutamente assim, ao menos o texto deixa no ar a impressão de alguma ambi-

guidade. Vejamos, paradigmaticamente, uma das ideias mestras, tal como o autor a exprime:

«*Verdade e valor* já não podem compatibilizar-se com sistemas impositivos, com sujeição e controle; hão-de unir-se à liberdade e responsabilidade, correspondentes a uma consciência autónoma e histórica. A nossa sociedade, com razão – pese a todas as ambiguidades e domesticacões da prática –, é incompatível com verdades e valores vividos como ‘dogmas’ ou sistemas de submissão. Nem Deus, nem as leis naturais, nem a Igreja ou qualquer outra instituição existem à margem ou por cima da interpretação criativa da realidade que corresponde ao ser humano: somos nós que *construímos* tanto o mundo como a sua interpretação e valoração, quem desenha o futuro e inclusivamente a própria religião. Verdade e valor estiveram predominantemente unidos à ideia de adequação, descoberta, revelação e desvelamento, agora temos de referi-los sobretudo a *criação e construção*, e criação colectiva, interacção, mais que simples descobrimento ou desvelamento. Daí decorre o carácter básico da identidade humana moderna. Conhecer é *criar*, pelo que se o conhecimento religioso remetesse sem mais para uma revelação que comportasse a ‘submissão à verdade’ de Deus, justamente acabaria considerado como inadmissível; como tão pouco se aceita que seja a correspondência inteligência-realidade como aquela que delimita exclusivamente o saber.» (p. 153). Daí que, pensa o mesmo autor, «se a religião ou a Igreja não querem deambular como fantasmas pelo nosso tempo devem assumir o novo estado de consciência da humanidade, esse dinamismo e criatividade propiciados pela Modernidade, graças – entre outros motivos – à ruptura de esquemas metafísicos fixistas pretensamente imutáveis.» (p. 154). Todo este conjunto de afirmações, se correctamente entendido, pode considerar-se aceitável. Não, porém,